

ATIVIDADES DE AVENTURA: PRÁTICA PARA UM TEMPO LIVRE PARA O CONSUMO OU PARA UM TEMPO LIVRE MAIS HUMANO?

Adventure activities: practices for a consumption spare time or for a more human spare time?

Verónica Gabriela Silva Piovani¹

¹Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Professora do Curso de Educação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil.

Resumo: O presente trabalho pretende analisar as possibilidades que as atividades de aventura oferecem para formar o ser humano para além do uso do tempo liberado pela sociedade. Neste sentido, se entende que o risco presente nas atividades de aventura, se apresenta como elemento educador do ser humano e o contato com a natureza possibilita a formação de indivíduos mais autônomos. Arelada a estas idéias se propõe uma concepção de tempo livre e recreação, que defende algo a mais que o simples consumo e entretenimento. Entende-se que o tempo livre ao qual o ser humano deve aceder é aquele no qual seja, cada vez mais, sujeito de seu próprio condicionamento e não do que a sociedade lhe permite ou não permite fazer. Deste modo, conclui-se que as atividades de aventura oferecem o espaço propício para gerar intervenções para um tempo livre mais humano na área do lazer.

Palavras-chave: Atividades de aventura; Tempo livre; Lazer.

Abstract: This study aims to analyze the possibilities that adventure activities offer to form the human being above the use of time released by society. In this sense, the risk present in adventure activities appears as an educational element of individual and the contact with nature as a possibility for educating more autonomous individuals. Linked to these ideas, it is proposed a conception of spare time and recreation, which advocates something more than consumption and entertainment. It is understood that human being must access to a spare time where is increasingly subject to its own conditioning and not what society allows or does not allow it to do. Thus, it is concluded that adventure activities would provide the appropriate space to generate interventions for a more human spare time in the leisure area.

Keywords: Adventure activities; Spare time; Leisure.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, as atividades de aventura, esportes de aventura, atividades de risco, entre outras denominações que são adotadas para determinadas práticas que possuem a característica comum do “risco” ou desafio das capacidades e habilidades individuais e coletivas, estão se tornando cada vez mais presentes na oferta de serviços para ampliar o tempo livre das pessoas. Neste sentido, estas atividades que ofereceriam a possibilidade de colocar a pessoa numa situação diferente, na qual consegue ter acesso à outra parte de si mesma que não seria possível desvendar se não fosse pelo confronto com a ideia de finitude (LE BRETON, 2011). São de certo modo “vendidas” e difundidas como um produto a mais, ao qual somente tem acesso quem pode ter o tempo conquistado fora do trabalho e tem condições materiais para comprá-lo. Mas, será que estas pessoas se aproximam realmente da experiência da aventura e do lazer que faz do ser humano mais humano?

Tendo como foco esta interrogante, o presente trabalho pretende analisar as possibilidades que as atividades de aventura oferecem para formar o ser humano para além do uso do tempo livre do trabalho, considerando o que estas atividades podem gerar nos sujeitos que as praticam. Tudo isto, está atrelado a uma concepção de tempo livre e recreação, que propõe algo a mais que o simples consumo e entretenimento. Neste sentido, entende-se que o tempo livre ao qual o ser humano deve aceder é aquele no qual seja, cada vez mais, sujeito de seu próprio condicionamento (autocondicionamento) e não do que a sociedade lhe permite ou não permite fazer (heterocondicionamento) (MUNNÉ, 1980; WAICHMAN, 2004a).

Entende-se o lazer como uma atividade do ser humano que tem a ver com uma atitude pessoal, com um sentimento, que se relaciona a liberdade de escolher o que fazer, à satisfação de algum desejo e ao desenvolvimento pessoal. Como manifesta Dumazedier (1979, p. 12):

[...] o lazer é o conjunto de ocupações, às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Portanto, a finalidade do presente ensaio teórico é de caracterizar as atividades de aventura a partir do conceito do risco como elemento educador do ser humano (LE BRETON, 2009; 2011) e de que o contato com a natureza possibilita a formação de um ser mais autônomo (GÓMEZ ENCINAS, 2008). Para após, discutir e relacionar estas idéias com o conceito de tempo livre e recreação, que destaca que o ser humano deve ser livre no tempo (WAICHMAN, 2004a; WAICHMAN, 2004b), baseado nas ideias de heterocondicionamento e autocondicionamento no tempo da psicossociologia do tempo livre (MUNNÉ, 1980). Para assim, chegar a conclusão de que as características atribuídas as atividades de aventura oferecem o espaço propício para gerar uma intervenção para um tempo livre mais humano.

2 ATIVIDADES DE AVENTURA: O “DESAFIO” E SUAS POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO

A prática de atividades de aventura apresenta um crescimento importante entre diversos grupos sociais e sua origem se vincula a necessidade de sair da rotina. Tal fato está relacionado à necessidade de ter um espaço na natureza longe do ruído das cidades, de aproveitar de modo diferente o lazer e o tempo livre, e de se sentir vivo através do sentimento de risco, desafiando à vida (LE BRETON, 2009).

Por outro lado, segundo Dias e Alves Junior (2007) a expansão das atividades nomeadas de aventura ou risco está relacionada com a criação de uma nova simbologia associada ao consumo da

cultura esportiva, a qual promove imagens de audácia, coragem, jovialidade. Ou seja, existe uma promissora indústria do entretenimento, que além de obter importantes lucros é capaz de criar um sistema de valores diferentes na hora de interagir com o mundo. Porém, o aumento no número de participantes nas atividades ligadas à aventura e a natureza, perpassa esse fenômeno econômico e se relaciona com a necessidade humana de procurar um suporte para as experiências de lazer.

É importante distinguir, que em um primeiro olhar, as atividades de aventura são relativamente novas na cultura esportiva, já que ganharam muitos adeptos a partir dos anos 90, devido a divulgação na mídia como oferta de atividade de lazer e turismo na natureza. Mas, de acordo com diversos estudos, estas atividades eram praticadas há muito tempo e sua origem se relaciona com atividades como o montanhismo e o surfe (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

Assim, o presente trabalho pretende não relacionar às atividades de aventura com a concepção de esporte, já que as mesmas tem sua origem em atividades realizadas pelo ser humano, que não se enquadram nesta concepção, a qual tem a ver com atividades institucionalizadas, vinculadas ao rendimento, nas quais a motivação para sua prática se deve a uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos (BARBANTI, s/d). Além disso, compreende-se que esta noção de esporte não promoveria a idéia de uma atividade “para todos” e que a difusão dada pela mídia as atividades de aventura quando representadas para qualquer indivíduo, em geral, se baseia na ideia de contra função. Ou seja, estas atividades realizadas no tempo fora do trabalho e/ou obrigações, cumprem a função de diminuir as consequências negativas das obrigações (stress, cansaço, etc.) e não atender as suas causas (MUNNÉ, 1980; WAICHMAN, 2004a; WAICHMAN, 2004b).

Por estes motivos, optou-se por apresentar as atividades de aventura enfatizando a concepção sociocultural que ressalta suas características de desafio, de contato mais direto com a natureza e com a existência humana. O que se relaciona a ideia de que as atividades de aventura geram nos sujeitos estados favoráveis para seu desenvolvimento, pois oferecem a oportunidade de experimentar situações limites nas quais o ser humano tem acesso a características próprias que dificilmente em outros momentos teria acesso. Neste caso, o risco e a aventura podem se transformar em um elemento de desenvolvimento do ser humano (LE BRETON, 2011).

Como foi descrito anteriormente, ao utilizar o termo atividades de aventura, se destaca o conceito de aventura, o qual se caracteriza como uma experiência de desafio, do imprevisível que coloca a prova nossas capacidades e que ao atingir os objetivos, gera o sentimento de satisfação, de ter crescido, de estar vivo e de superação. Neste sentido, pode-se manifestar que essa experiência do desafio produz no indivíduo a auto-afirmação pessoal e aceitação de si mesmo. Ou seja, as atividades de aventura podem potencializar novas aprendizagens no sujeito (GOMEZ ENCINAS, 2008).

Somado a isto, a opção de trabalhar com o conceito atividades de aventura, como denomina Marinho (2008), se deve a que amplia o leque de práticas relacionadas à cultura corporal do movimento, que se caracterizam por esse vínculo diferente com o meio, seja natural ou urbano, que tem a ver com a possibilidade do desafio das capacidades. Segundo a autora, o termo Atividades de Aventura, está sendo entendido como:

[...] as diversas práticas manifestadas, privilegiadamente nos momentos de lazer, com características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais, pois as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e, além disso, há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos, permitindo uma fluidez entre o praticante e o espaço da prática – terra, água ou ar. (MARINHO, 2008, p. 182).

Ao voltar à ideia de Le Breton (2011) sobre o risco como elemento educador do ser humano, observa-se que o perigo não é um fim em si mesmo senão um elemento que acrescenta valor à ação, um sentido ao agir de cada ser, que leva a superação, ao desenvolvimento do ser humano.

Raramente um fim em si, o risco é o ingrediente que agrega um valor à ação. Muitas vezes é dado como educador, revelador de si. Conhecer-se mediante ao desafio destas práticas que requerem coragem e habilidade, consiste em se apropriar da parte inalcançável de si que só as circunstâncias revelam ao despír o homem frente aos elementos. (LE BRETON, 2011, p. 44).

Neste processo, as atividades de aventura são tomadas como aquelas que surgem a partir da interação do ser humano com sua finitude e o colocam numa situação que lhe demanda conhecer uma parte de si mesmo que não conhece e que somente as circunstâncias lhe permitem alcançar. Assim, o risco é encarado como confronto deliberado com o próprio sujeito, deixando de ser algo negativo na existência do qual o homem precisa fugir. Então, ultrapassa o sentido de algo a se temer, para ser um ingrediente de desenvolvimento do ser humano, é um sentimento singular que em muitos casos se transforma em modo de vida (LE BRETON, 2011).

Para Le Breton (2011) é no jogo de viver-morrer que se manifesta a vontade humana de superação e crescimento.

O gosto pela vida é uma dialética entre risco e segurança que leva a uma atitude de questionamento interno, de se surpreender, de se inventar. Porque temos a possibilidade de perdê-la, a existência é digna de valor (2011, p. 39).

Isto se relaciona ao que Gaarder (2002, p. 17) manifesta em sua obra “O Mundo de Sofia”, a dialética, quase necessária entre vida e morte:

Não se pode experimentar a sensação de existir sem se experimentar a certeza que se tem de morrer, ... E é igualmente impossível pensar que se tem de morrer, sem pensar ao mesmo tempo em como a vida é fantástica.

Por outro lado, é importante destacar a importância desse contato diferente com o espaço e com a natureza, que promovem as atividades de aventura, o qual se vincula ao potencial educativo. Para Gómez Encinas (2008) a sociedade tem percebido que as atividades no meio natural podem oferecer à educação formal e não formal, ao tempo de lazer e ao esporte, o espaço adequado para a realização dos aspectos psicossociais e motores do ser humano. Ou seja, entende-se que no contato com a natureza o ser humano, só ou em companhia de outros, pode encontrar-se a si mesmo, atuar com autenticidade, o que significa que seja honesto e sincero consigo mesmo. Neste sentido, a competição e a vitória frente a um desafio adquirem outro conceito ou dimensão, a qual está relacionada com a auto-superação e confiança em si mesmo. O mesmo autor resume que as atividades na natureza colocam o indivíduo em situações nas quais deve desenvolver suas habilidades e competências pessoais, sem a necessidade de ter um oponente direto.

3 TEMPO LIVRE, LAZER E RECREAÇÃO: PARA QUE?

Para definir e caracterizar o tempo livre e a recreação serão utilizados os conceitos de Pablo Wachman (2004a), os quais partem de um entendimento histórico do que aconteceu na América Latina em relação à recreação e ao lazer. Segundo o autor, o lazer e a recreação no nosso continente, são relacionados à ideia de “divertir entediados” e a de manter o campo da cultura ao serviço de um setor privilegiado, isolando aos grupos humanos menos favorecidos de sua participação, seja no consumo ou na sua criação. Assim, aparece uma crucial contradição, as práticas sociais que procuram a compreensão e

modificação da realidade cotidiana, através da participação das majorias e, o entretenimento que desvia a atenção, para omitir que a dificuldade permanece, ou seja, atua como “anestesia social”.

O tempo livre é entendido como a temporalidade residual, fora das ocupações do trabalho e que deve ser treinada e consumida, seja através dos meios de comunicação massivos ou por outra modalidade que promova a atitude de simples espectador (WAICHMAN, 2004a). As atividades realizadas durante este tempo, cumprem uma contra função, a qual é de anular os efeitos normais das funções laborais, mas não suas causas, para assim voltar às condições “normais” para novamente exercer as funções diárias do trabalho (MUNNÉ, 1980).

Segundo Waichman (2004a) a liberdade (conceito que é utilizado para caracterizar o tempo livre) é entendida como possibilidade de acesso a determinados bens de consumo, a opção de fazer ou não fazer, ao direito de ter trabalho, a moradia, a dignidade. Mas, destaca-se que nem sempre há a concretização destes aspectos. No mesmo sentido, a educação, é um acúmulo de conteúdos a serem repetidos, e não a aprendizagem do pensamento criador, crítico, que seja capaz de atuar na realidade para modificá-la. Ou seja, o modelo educativo que prevalece é o bancário, aquele que amolda aos estudantes, em lugar de desafiá-los para que eles participem como sujeitos de sua própria formação (FREIRE, 2009).

Por estes motivos, Waichman (2004a) apela a uma proposta de tempo livre que permita produzir modelos de intervenção social na área do lazer e da recreação que não deem continuidade ao modelo de educação hegemônico, senão que possibilite aos sujeitos a geração de mudanças qualitativas para si e para a comunidade. Desta maneira, o campo de intervenção, no qual se entende que é necessário situar as atividades de aventura, é o tempo livre compreendido, como o espaço temporal disponível que pode ser transformado em tempo especificamente humano e não consumido em ações de esquecimento e negação da realidade.

Para Waichman (2004) a transformação qualitativa é possível na medida em que os modelos de intervenção na área do lazer e da educação em geral, gerem a *práxis*¹ e apropriação do pensamento crítico: o que significa não só fazer o que é indicado. O importante é tomar posição no que se faz, decidir o motivo pelo qual se realiza aquela prática e colocar em jogo outras condições como: o que, quando, como, com quem, entre outras. A este enfoque o autor chama de “recreação educativa”.

Tendo em conta a abordagem descrita sobre as atividades de aventura, pode se inferir que estas podem oferecer o espaço propício para a tomada de decisões do sujeito, já que o colocariam em situações nas quais tem que decidir que conduta tomar e não simplesmente repetir um modelo dado. Além disso, nas atividades de aventura, existiria a possibilidade de interagir com os outros, tendo que escolher entre diversas situações e modos de agir, sozinho e acompanhado. Ainda mais, as atividades de aventura teriam a característica de colocar ao sujeito em situações nas quais poderia perceber a realidade considerando outros pontos de vista. Portanto, nesta perspectiva se estaria propiciando o objetivo central da recreação educativa que é construir a partir dos distintos saberes adquiridos por uma pessoa, num grupo, novos modos de ler a realidade e entender os demais, participando com autonomia na análise e construção de decisões coletivas, desenvolvendo a prática consciente da democracia (WAICHMAN, 2004).

Desta forma se buscaria gerar um processo que a partir da liberdade do tempo atingisse a liberdade no tempo. No início do tempo não haveria ocupações para o sujeito, para se tornar aos poucos, uma

1 “A *práxis* é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa de reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática.” (KONDER, 1992, p.115).

prática de liberdade no sujeito. Como afirma Waichman (2004a, p. 81): “Se iniciará, por ejemplo, en el “me divierten”, para intentar arribar al “me divierto””²

Neste sentido, Loughlin (1971) afirma que se tem uma vivência autêntica da dimensão recreativa quando se experimenta a vivência do não obrigatório. Ou seja, o tempo no qual se dá essa percepção é vivido como próprio, já que está fundamentado num interesse profundo: “Siento que mi tiempo, el de mi vida, no se pierde sino que se realiza”³ (LOUGHLIN, 1971, p. 18).

Para finalizar, é necessário ressaltar o que Waichman (2004b) afirma sobre o que é o tempo livre. Para ele, o verdadeiro tempo livre é aquele no qual a pessoa exerce sua liberdade, não porque outro lhe permite, senão porque ela se exige.

A liberdade - e o seu grau de desenvolvimento - não consistirá na falta de obrigações exteriores senão numa maior ou menor carga de **obrigações interiores**. O tempo livre será aquele em que mais cumpro com essas obrigações interiores. (Grifo do autor) (WAICHMAN, 2004b, p. 30).

Assim, o papel do que ele chama de recreação educativa será a geração de condições para a compreensão da liberdade na prática concreta: “[...] **recreação será a educação no e do tempo livre**. Tempo livre que se inicia como ‘liberado de obrigações’ para logo – progressivamente - ascender ao ‘livre para as obrigações interiores’” (WAICHMAN, 2004b, p. 30, grifo do autor).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ATIVIDADES DE AVENTURA PARA “UM TEMPO MAIS HUMANO”

Ao considerar as abordagens elencadas neste texto sobre as características das atividades de aventura e a concepção de tempo livre e recreação, se apresenta a ideia de que as atividades de aventura podem oferecer um espaço propício para emancipação do indivíduo.

As atividades de aventura podem ser utilizadas como um meio de consumo, uma mercadoria, ou mesmo, podem ser trabalhadas desde a concepção que entende que as mesmas colocam as pessoas em situações de desafio, de dúvida e de contato com suas capacidades de uma maneira que não seria possível atingir se não fosse à frente de uma situação de risco. Assim, se aproveitariam as possibilidades que as atividades de aventura ofereceriam para envolver e estimular o indivíduo na ação de perceber de outro modo à realidade e os valores atribuídos as diferentes situações de sua vida. Bem como, de aprender a decidir e tomar posição em relação a seu lugar na construção de sua história e da história, além de saber ser e estar com os outros.

Por este motivo, se entende que as atividades de aventura podem ser organizadas e planejadas para serem utilizadas em propostas de lazer e recreação que procuram ir além do divertimento e atingir outros aspectos do ser humano, como seus valores, crenças e convicções. Para então, aos poucos, cada indivíduo passar a se tornar livre no tempo e não condicionado ao tempo. Trata-se de atingir o valor formativo e construtivo da recreação e do lazer, para que as pessoas se reconstruam na realização das atividades e assumam sua responsabilidade frente suas decisões e formas de vida. Assim, tenta-se chegar à ideia de que para ter a experiência plena do lazer e recreação não basta contar com meios econômicos e o tempo para realizar as atividades. Porque, para isto, é necessário um estado de ser e estar aberto aos desafios, às incertezas, as decisões, à criação.

Para finalizar, destaca-se que não se tentou desfazer a ideia de que o lazer e a recreação não são fontes de divertimento, senão explicitar que somente isto é pouco para tudo o que se poderia gerar no

2 Tradução para o português: “Começará, por exemplo, em ‘me divertem’, para intentar chegar ao ‘me divirto’”.

3 Tradução para o português: “Sinto que **meu tempo**, o da minha vida, não se perde se não **se realiza**”.

ser humano a partir de propostas de recreação e lazer centradas no conceito de liberdade no tempo. Mas, buscou-se oferecer um viés diferente ao qual vem sendo difundido, em geral, no mercado do turismo e lazer sobre as atividades de aventura, que é a de necessidade de consumo para escapar por uns momentos da rotina diária. Porque, considera-se que estas atividades merecem ser reconhecidas pela oportunidade que podem oferecer de aproveitar a liberdade no tempo e não somente o consumo no tempo livre.

5 REFERÊNCIAS

- BARBANTI, V. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 11, n. 1, p. 54-58, 2006
- DIAS, C. A.; ALVES JUNIOR, E. **Entre o mar e a montanha**: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF, 2007.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1979.
- FREIRE, P. **El grito manso**. 2. ed. reimp. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.
- GAARDER, J. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GÓMEZ ENCINAS, V. Juegos y actividades de reto y aventura en el contexto escolar. **Revista Wanceulen E.F. Digital**, n.4, p.1-12, Mayo 2008.
- KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LE BRETON, D. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas: Autores Associados, 2009.
- LE BRETON, D. Dos jogos de morte ao jogo de viver na montanha: sobre o alpinismo solitário. In: PEREIRA, D. W. (Org.). **Entre o urbano e a natureza a inclusão na aventura**. São Paulo, Alexia, 2010.
- LOUGHLIN, A. J. **Recreodinámica del adolescente**: motivación y tiempo libre. Buenos Aires: Librería del Colegio, 1971.
- MARINHO, A. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, v.14, n.2, p.181-206, 2008.
- MUNNÉ, F. **Psicosociología del tiempo libre**: un enfoque crítico. México: Trillas, 1980.
- PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da Aventura**. Os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.
- WAICHMAN, P. Tiempo libre, libertad y educación. **Conexões**, v. 2, n. 1, p. 77-87, 2004a.
- WAICHMAN, P. A respeito dos enfoques em recreação. **Revista da Educação Física**, v. 15, n. 2, p. 22-31, 2004b.

Autora correspondente: **Verónica Gabriela Silva Piovani**

E-mail: **veropiovani@hotmail.com**

Recebido em 15 de fevereiro de 2014.

Aceito em 25 de junho de 2014.